



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

A IMPORTÂNCIA DO CAPITAL DE GIRO NAS EMPRESAS

KATTH KALRY NASCIMENTO DE SOUZA

Artigo apresentado ao Professor
Heber Lavor Moreira da disciplina de
Análise dos Demonstrativos
Contábeis II
turma 20, turno: tarde, do curso de
Ciências Contábeis.

UFPA
BELÉM – 23/11/2007

A IMPORTÂNCIA DO CAPITAL DE GIRO NAS EMPRESAS

I – INTRODUÇÃO

A importância do capital de giro vai muito além de controlar um montante de dinheiro existente no caixa da empresa, é o coração da empresa que engloba desde a compra da mercadoria até o recebimento da mercadoria.

Mantendo as atividades operacionais da empresa até que haja receita, facilitando para que o empresário, não venha a contrair dívidas ou empréstimos que acarretará ônus à empresa, e diminuindo a rentabilidade do negócio proposto, além de evitar que a reputação da empresa venha a ser abalada quando bem realizado o controle e estimativas do capital de giro.

II – CAPITAL DE GIRO: UM DESAFIO PERMANENTE

O capital de giro representa, em média, 30 a 40% do total dos ativos de uma empresa. O capital permanente tem um peso maior sobre o total dos ativos, atingindo entre 60 e 70%.

Apesar de sua menor participação sobre o total dos ativos da empresa, o capital de giro exige um esforço do administrador financeiro maior do que aquele requerido pelo capital fixo.

O capital de giro precisa de acompanhamento permanente, pois está continuamente sofrendo o impacto das diversas mudanças enfrentadas pela empresa. Já o capital fixo não exige atenção constante, uma vez que os fatos capazes de afetá-lo acontecem com uma frequência bem menor.

Boa parte dos esforços do administrador é canalizada para resolução de problemas de capital de giro – formação e financiamento de

estoques, gerenciamento das contas a receber e administração de déficits de caixa.

Nesta luta para sobreviver, a empresa acaba sendo arrastada pelos problemas de gestão do capital de giro e tende a sacrificar seus objetivos de longo prazo. Os empresários conhecem bem este fenômeno. Boa parte de seu tempo é consumida “apagando incêndios”, onde o foco mais perigoso reside no capital de giro.

III – MEDIDAS PARA SOLUCIONAR OS PROBLEMAS DE CAPITAL DE GIRO

As dificuldades de capital de giro numa empresa são devidos, principalmente, à ocorrência dos seguintes fatores:

- Redução de vendas;
- Crescimento da inadimplência;
- Aumento das despesas financeiras; e
- Aumento de custos.

Na situação mais freqüente, os problemas de capital de giro surge como consequência de uma redução de vendas. Neste caso, o empresário se defronta com as seguintes questões: como manter o capital de giro sob controle diante de um quadro de redução das vendas? O que pode ser feito para evitar uma crise maior de capital de giro?

As soluções para estas perguntas são essas:

1 – Formação de reservas financeiras

Como acontece no trato de muitos outros problemas, a ação preventiva tem um papel importante para a solução dos problemas de capital de giro. A principal ação consiste na formação de reserva financeira para enfrentar as mudanças inesperadas no quadro financeiro da empresa. A determinação do volume dessa reserva levará em conta o grau de proteção que se deseja para o capital de giro. Também uma análise do tipo “o que

aconteceria ao capital de giro se...” poderia ser bastante útil para se formular à estimativa do volume de reserva financeira. À primeira vista, poderia soar antieconômico a formação de uma reserva financeira, já que esta decisão tiraria recursos financeiros que de outra forma deveriam ser aplicados no investimento em ativos de modo a permitir a expansão da empresa.

Dada a alta volatilidade da economia brasileira, a formação de reserva financeira para o capital de giro deveria ser a prioridade econômica fundamental da empresa. Além disso, os recursos destinados a essa reserva seriam aplicados no mercado financeiro, onde as taxas de juros têm sido maiores do que as taxas de rentabilidade do capital fixo.

2 – Encurtamento do ciclo econômico

Quando a empresa encurta seu ciclo econômico – este pode ser definido como o tempo necessário à transformação dos insumos adquiridos em produtos ou serviços – suas necessidades de capital de giro se reduzem drasticamente.

Numa indústria, a redução do ciclo econômico significa um menor tempo para produzir e vender. No comércio, esta redução significa um giro mais rápido dos estoques. Na atividade de serviços, a redução do ciclo econômico significa basicamente trabalhar com um cronograma mais curto para a execução dos serviços. A redução do ciclo econômico não é uma função tipicamente financeira. Ela requer o apoio de funções como produção, operação e logística.

3 – Controle da inadimplência

A inadimplência dos clientes de uma empresa pode decorrer do quadro econômico geral do país ou de fatores no âmbito da própria empresa. No primeiro caso, a contração geral da atividade econômica e a conseqüente diminuição da renda das pessoas, tende a aumentar a inadimplência. Nesta situação, a empresa tem pouco controle sobre o problema.

Quando a inadimplência é decorrente de práticas de crédito inadequadas, estabelecidas pela própria empresa, existe uma solução viável para o problema. Neste caso, é preciso dar mais atenção à qualidade

das vendas (tanto as vendas a crédito como as vendas faturadas) do que ao volume dessas vendas. No caso das vendas a crédito, também será recomendável uma redução do prazo de pagamento concedido aos clientes.

4 – Não se endividar a qualquer custo

Na tentativa de suprir a insuficiências de capital de giro, muitas empresas utilizam empréstimos de custos elevados. Como regra, qualquer dinheiro captado a um custo maior do que 1,17% ao mês (ou 15% ao ano) em termos reais, é incompatível com a rentabilidade normal da empresa que é de 15% ao ano, também em termos reais.

Assim, uma linha de crédito de curto prazo que hoje não custa menos do que 2% ao mês em termos reais, é claramente antieconomico.

O financiamento de capital de giro a uma taxa real maior do que 1,17% ao mês, pode resolver o problemas imediato de caixa da empresa, mas cria um novo problemas – seu pagamento.

O administrador tem consciência da inviabilidade do custo financeiro dos financiamentos de capital de giro. Ele tenta ganhar tempo, esperando que uma melhora posterior nas condições de mercado da empresa permita pagar o capital de terceiros. Todavia, quando a recuperação das vendas acontece, a empresa já acumulou um estoque de dívidas cujo pagamento será impraticável.

5 – Alongar o perfil do endividamento

Quando a empresa consegue negociar um prazo maior para o pagamento de suas dívidas, ela adia as saídas de caixa correspondentes e, portanto, melhora seu capital de giro.

Embora essa melhora seja provisória, ajudará bastante até que a empresa se ajuste financeiramente. Também neste caso, é importante uma atenção especial para o custo do alongamento de prazo. Ele precisa ser suportado pela rentabilidade da empresa.

6 – Reduzir custos

A implantação de um programa de redução de custos tem um efeito positivo sobre o capital de giro da empresa desde que não traga restrições às suas vendas ou à execução de suas operações. Uma vez a empresa com problema de capital de giro também estará com sua capacidade de investimento comprometida, a redução de custos em atividades como modernização, automação ou informatização não será possível. Diante de uma crise de capital de giro, o programa de redução de custos tem natureza compulsória e seu grande desafio é identificar aqueles itens de gastos que possam ser cortados sem grandes prejuízos para as atividades da empresa. Dificilmente serão encontrados gastos supérfluos ou desperdícios, pois a crise de capital de giro naturalmente já os deve ter eliminado.

7 – Substituição de passivos

A política de substituição de passivos consiste em trocar uma dívida por outra de menor custo financeiro. Por exemplo, uma empresa de grande porte poderia adotar esta solução, através do lançamento de títulos no exterior ou mesmo fazendo um lançamento de ações. Entretanto, as empresas de pequeno e médio porte não têm essa opção. Um programa tradicional de substituição de passivos para essas empresas quase sempre significaria trocar seis por meia dúzia. Numa situação extrema, as pequenas e médias empresas poderiam trocar passivos exigíveis por passivo não exigível (capital), através da admissão de novos sócios. Sem dúvida, esta seria uma solução a ser adotada em último caso.

CONCLUSÃO

É evidente que existe um forte entrelaçamento entre a administração do capital de giro da empresa e sua administração estratégica.

Por isso, a solução definitiva para o problema do capital de giro consiste na recuperação da lucratividade da empresa e a conseqüente recomposição de seu fluxo de caixa.

Esta solução exige a adoção de medidas estratégicas de grande alcance que vão desde o lançamento de novos produtos ou serviços e a eliminação de outros, adoção de novos canais de venda ou até mesmo a reconfiguração do negócio como um todo.

Desse modo, a solução dos problemas de capital de giro de uma empresa requer muito mais do que medidas financeiras. Estratégias, operações e práticas gerenciais, entre outras, precisarão ser repensadas para que o capital de giro volte ao estado de normalidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSAF NETO, Alexandre. **Estrutura e análise de balanços – um enfoque econômico-financeiro**. 8ª ed. SP: Atlas, 2007.

MARION, José Carlos. **Análise das demonstrações contábeis – contabilidade empresarial**. 3ª ed. SP: Atlas, 2005.

SILVA, Alexandre Alcântara. **Estrutura, análise e interpretação das demonstrações contábeis**. SP: Atlas.